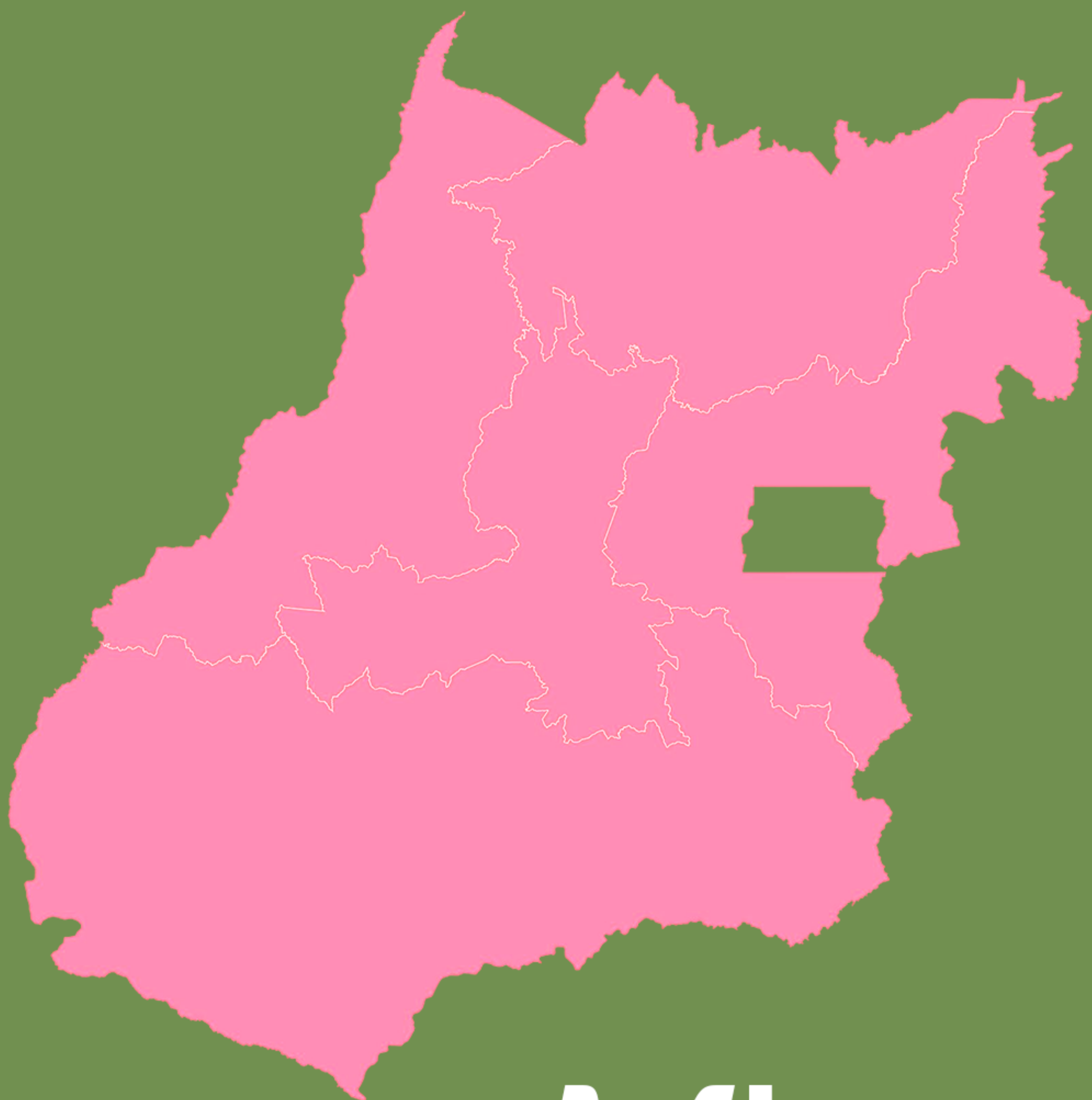
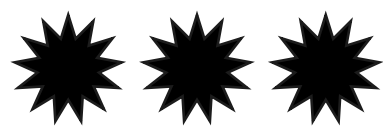


Zé Ninguém

2026



Viva
Poesia
Goiana



Introdução

Para realizar o levantamento e acessar as/os poetas-alvo de nossa pesquisa, contamos com trabalho de campo em sítios e indicações a fim de identificar movimentos mais antigos de artistas da palavrano interior do estado. Foi realizado também um levantamento bibliográfico de estudos já feitos acerca do tema da pesquisa. Visitamos as cidades: Cavalcante, Teresina de Goiás, Quilombo Moinho (Distrito de Alto Paraíso de Goiás), Cidade de Goiás, Pirenópolis, Silvânia, Goiânia e Região Metropolitana no decorrer da etapa final do projeto para levantamento documental da pesquisa, por meio de vídeo-poemas, entrevistas e apresentação de poemas escritos e falados de poetas das cidades citadas.

Compreendemos que há uma vasta produção de poesia nos interiores de Goiás. Alguns poetas podem ser lidos como marginais dentro do atual cenário centralizador de publicação e circulação de poemas e poetas do Estado. Vale Salientar que esta pesquisa foi financiada pela PNAB 2024 na categoria “Estímulo à pesquisa e à crítica literária”. Já é de comum conhecimento por profissionais da área da cultura,

literatura e artes no geral que as leis de incentivo no nosso Estado compreendem a importância de fomentar e descentralizar os recursos. Essa iniciativa afere e reforça o caráter imprescindível de lançar nosso olhar para as poesias, memórias e histórias insurgentes.

Atuamos como Coletivo Zé Ninguém na capital do estado desde 2013 em busca de colocar na calçada poetas, contadores de história, rappers, slammers de toda a capital para, assertivamente, endossarmos que a poética não precisa estar submetida exclusivamente à elite, ao mercado editorial ou ambientes de produção acadêmica para ser escutada, lida e contemplada. Pelo contrário, ela é comum no dia-a-dia de todos que vivem e constroem história e memória.

Buscando pela dita “marginalidade” do fazer poético que reside nas palavras escondidas nas gavetas, nem sempre reconhecidas pelas vias oficiais, encabeçamos o projeto “Vende-se um sarau” em 2013. O projeto consistiu ao longo dos anos em proporcionar palco e microfone para quem cultiva a poética marginal pelas ruas da cidade. Com várias edições realizadas conseguimos contemplar tanto espaços culturais públicos e privados, de cultura popular por meio da própria rua e casa de outras/os artistas públicos diversos e ocupando diferentes espaços na arte em diferentes nichos.

A questão ganhou contornos ainda mais aprofundados principalmente quando circulamos pelo estado com o que veio a ser uma extensão frutífera do projeto, carinhosamente nomeado por nós do coletivo como “Vende-se um sarau itinerante”, aprovado pelo edital de fomento à cultura Aldir Blanc em 2023.

Em cidades do interior percebemos que o que antes ditamos enquanto “marginalidade” dizia respeito também a artistas que estavam fora do eixo cultural do qual participamos durante os últimos doze anos de atuação. Poetas, contadores de história, anciãs e anciões da cultura popular goiana, que navegam fora da palavra

dos registros oficiais pela margem do livro. Mesmo que à distância, muitas vezes, essa margem pareça um mero pedaço em branco é nela que rascunhamos ideias, tecemos breves comentários, que imprimimos nossas impressões para além do texto oficial previamente oferecido em livros, periódicos, coletâneas... A margem é rica porque é a oferta de espaço extratextual que nos permite deparar com aquilo que há de mais espontâneo na literatura: a escrita que pode, mas não precisa obedecer regras e normativas.

O objetivo é ampliar esse espaço, registrando memórias e esta produção, supostamente, pouco visível. O projeto, portanto, nasce para valorizar esta poesia e estes poetas que produzem no interior de Goiás e que costumam ficar fora dos centros tradicionais de publicação.

A margem da literatura, onde muitas dessas poesias surgem, é um espaço de criação livre e espontânea. Esta pesquisa é uma das poucas que encontramos que trata dos poetas contemporâneos que não estão em destaque nos prêmios, coletâneas e outras publicações. Ou seja, que possuem uma produção ativa, sendo este um dos principais motivos da realização deste projeto. O formato de pesquisa também é algo pouco comum, sendo que muitos destes livros que reúnem poetas e poemas são coletâneas de trabalhos e aqui pretendemos criar um documento que abrange contextos, realidades, memórias, estilos e sociedades.

Em cidades do interior percebemos que o que antes ditamos enquanto “marginalidade” dizia respeito também a artistas que estavam fora do eixo cultural do qual participamos durante os últimos doze anos de atuação. Poetas que navegam fora da palavra dos registros oficiais pela margem do livro. A margem é rica porque é a oferta de espaço extratextual que nos permite deparar com aquilo que há de mais espontâneo na literatura: a escrita que pode, mas não precisa obedecer a regras e normativas, por isso guarda memórias.

Por anos insistimos em buscar a poesia à margem, e por vezes fomos bem sucedidos em nossa empreitada. Agora queremos expandir os limites do texto, aumentar a margem e, por quê não, pensar em uma publicação e pesquisa que transforme esse espaço supostamente em branco da margem das páginas em texto, em poesia falada, em registro histórico para que fique registrado nos autos: tem poesia na margem.

Pirenópolis

A cidade de Pirenópolis, para quem é de Goiás, é conhecida pelas cachoeiras, pela natureza e pelo visual que parece ter parado no tempo, lá pelos anos de 1500 e poucos. As ruas de pedra, as janelas azuis da Igreja Nossa Senhora do Rosário e o céu maravilhoso do cerrado goiano. Basta apenas olhar para encontrar um novo encanto e se apaixonar (várias vezes) por esta jóia incrustada na Serra dos Pirineus.

Na verdade, toda a história de Pirenópolis está ligada à geomorfologia da Serra dos Pirineus. No período colonial, ocorreu a descoberta de ouro na região pelo bandeirante Amaro Leite e a partir daí a exploração teve início, dizimando boa parte da população dos índios Xavantes que ocupavam esta região.

O famoso botânico e naturalista francês, August de Saint-Hilaire, descreveu a cidade em seu livro “Viagem à Província de Goiás”:

O arraial foi construído numa pequena planície rodeada de montanhas e coberta de árvores de pequeno porte. Estende-se ao longo da margem esquerda do Rio das Almas, numa encosta suave, e defronta o prolongamento dos Montes Pirineus. Tem praticamente o formato de um quadrado e conta com mais de

trezentas casas, todas muito limpas, caprichosamente caiadas, cobertas de telhas e bastante altas para a região.

Falar de Pirenópolis, até de uma maneira tão descritiva, também é escrever um poema. Na cidade encontramos alguns escritores que atravessaram gerações e compartilham mais do que a mesma cidade de origem: Pirenópolis cria nas pessoas uma certo deslumbre ao que está ao nosso redor e isso, sem dúvida, deságua na poesia.

Marieta Amaral é uma referência quando se fala em Pirenópolis e poesia. Durante a nossa pesquisa, buscando contatos através internet, o nome de Marieta Amaral nos foi sugerido diversas vezes. Ela é moradora da cidade desde a infância e contou que sua casa fica bem próximo da ponte (cartão-postal da cidade) e por isso a paisagem sobre o Rio das Almas é inspiração constante para os seus poemas.

“Tem mais de 20 anos que trabalho como poetisa aqui de Pirenópolis, contadora de história, escrevo livros e isso aí a minha vida. Sou muito feliz por isso, porque com esse trabalho que eu faço me faz feliz, esqueço todos os problemas e por isso sou uma mulher feliz”, contou Marieta.

Isabella Rovo é aquela artista que transita em duas áreas diferentes com a desenvoltura de uma dançarina profissional. Vai da poesia em cordel para a música em questão de segundos e encanta ao levar a canção para o poema e o poema para a canção. “Sou cantora, escrevo um pouco de literatura de cordel e também sou colaboradora do COEPI, o ponto de cultura aqui da cidade. Para nós é muito importante este tipo de iniciativa e muito bom receber vocês”, disse Isabella.

Por fim, encontramos um rapaz jovem, de barba e dreads, ele estava próximo do local onde estavam acontecendo as entrevistas e contou que também escrevia poemas. Silas Neves é um morador de Pirenópolis,

mas diferente das outras entrevistadas, ele acaba de chegar na cidade. “Eu tenho 31 anos, sou de São Paulo, mas agora vivo em Pirenópolis. Sou artista, no caso, palhaço, artesão e atuo também com a poesia. Tem sido um tempo de desfrutar a arte aqui de Pirenópolis e também compartilhar um pouco do que estou vivendo neste momento.”

Silvânia

Silvânia é mais uma destas cidades do interior de Goiás que surgiu durante a efervescência da extração do ouro na região. A princípio era um povoado, depois foi promovida a arraial e, por fim, recebeu o título de vila em 5 de outubro de 1857, mas na época o nome ainda era Bonfim. O nome Silvânia veio depois, em 1943, em homenagem à família Silva, de Vicente Miguel da Silva, que ocupava cargos de prestígio na cidade.

Na entrada da cidade, antes da primeira casa, somos recebidos por uma placa que chama a atenção: PARE OLHE ESCUTE. Pensamos que a placa era um aviso sobre a poesia da cidade e, apesar de ser um alerta sobre a linha do trem, estávamos certos. Por isso, nada mais justo do que reunir os poetas da cidade de Silvânia nesta via ou melhor na estação de trem.

A Estação de Silvânia foi inaugurada em 3 de maio de 1930 e batizada com nome de Caturama, que é um nome indígena que significa “boa sorte”. E por falar em sorte, nesta viagem, contamos com a ajuda do Ricardo Guerra, que atuava como Secretário de Cultural e que conseguiu reunir alguns poetas numa tarde de domingo próximos aos trilhos.

O primeiro entrevistado é um poeta das rimas rápidas,

da batida, que pensa o flow junto ao texto. O Petro do Verbo contou que se encontrou no rap e também foi salvo por este. “Tamo na caminhado do rap, faz tempo, com fé em Deus que tudo vai dar certo. Estou com um projeto novo - eu era de um grupo e agora estou em carreira solo - se a galera quiser achar aí é só buscar no YouTube Preto do Verbo”, disse. O artista também contou que o “rap me resgatou”, afirmando que teve uma vida sofrida e que até caiu “em umas armadilhas”, mas foi salvo pela arte da música e da poesia.

É comum que o primeiro contato com a poesia seja na escola e talvez por isso contamos com o depoimento de duas professoras da cidade de Silvânia: Claudinéia Araújo e Marluce Godoi. Claudinéia Araújo contou que divulga o seu trabalho na escrita por meio da internet: “Sou nascida em Anápolis, mas vivi boa parte da minha vida em Gameleira de Goiás, que é uma cidade próxima aqui de Silvânia. Algumas obras eu assino como Senhorita Araújo. Tenho uma página de divulgação no Instagram com o mesmo nome, com alguns poemas autorais, vídeos, citações. Também sou professora, escritora”, disse.

A outra professora, Marluce Godoi, também descreveu sua trajetória como escritora e a importância da cultura “Moro em Gameleira de Goiás, que antes era município de Silvânia. Vim mostrar e refletir o quanto é importante a questão cultural. Pode expor nossos pensamentos, nossos poemas. Não tenho livro publicado, mas já tenho um escrito”, disse. O livro que ela está produzindo, inclusive, fala sobre a cidade de Gameleira de Goiás com poemas sobre locais, pessoas e paisagens.

Encerrando o ciclo de entrevistas na cidade de Silvânia, conversamos com a Ana Cristina Cotri. A autora já possui um livro publicado chamado “Aplausos no Escuro” e diz que escreve poesia “sem cobranças”. “Nasci e cresci em Silvânia, na verdade, moro na mesma casa desde sempre. Escrevo poesias, sem cobranças, por isso a maioria é assim sem títulos. É uma forma de me identificar.

Tenho um livro publicado chamado “Aplausos no Escuro” e quem sabe agora posso trazer a luz estes aplausos. Mas no fundo o livro é minha forma de estar no mundo”, disse.

Cidade de Goiás

A antiga capital do estado é um charme. As ruas de pedra, os arcos das janelas, as igrejas encravadas na paisagem rústica da Serra Dourada: um lugar onde a poesia nasce como uma flor no asfalto. Daqui saíram os poemas de Cora Coralina, dos tão famosos becos, aqui estudou e viveu Leodegária de Jesus, que junto com Cora fundou o jornal A Rosa, e também o autor da série de contos que compõem o livro “Tropas e Boiadas”, o jovem Hugo de Carvalho Ramos, que se tornou referência para a criação do maior romance da língua portuguesa escrito por Guimarães Rosa.

Estas memórias se misturam com o agora, mas não é o mesmo tempo, nem é o mesmo lugar. O tempo passa, as coisas mudam e, apesar disso, a Cidade de Goiás ainda é local de origem de grandes poetas de todo o Estado. Foram os versos de Cora Coralina, na poesia Minha Cidade que abriram caminho, há 20 anos, para o dossiê de candidatura do município ao título de Patrimônio Cultural Mundial da Humanidade, por parte da Unesco.

*Goiás, minha cidade
Eu sou estas casas
encostadas*

cochichando uma com as outras.

(trecho do poema Minha Cidade, de Cora Coralina)

Um destes poetas é um senhor simpático, cabelos longos e brancos, sempre amarrados, e uma potência infinita quando o assunto é escrever poemas. Divino Damasceno nasceu no Sítio Caiapó e diz ter escrito seu primeiro poema aos 12 anos. De lá pra cá mais e mais poemas surgiram, totalizando hoje quase 40 mil, de acordo com a família que cuida dos originais empilhados em um quartinho que é quase como um museu das suas conquistas e prêmios.

Divino Damasceno nasceu com paralisia dos membros inferiores, o que o impossibilitou de andar. Com as ruas de pedra e características do estilo colonial do século XIX e XX, a Cidade de Goiás guarda a memória em sua arquitetura, mas impede que pessoas com mobilidade reduzida possam usufruir do seu direito de circular com facilidade pelas ruas, uma vez que medidas de acessibilidade são escassas. O poeta Divino vive essa realidade em sua cidade natal, e encontrou na literatura uma forma de viver os diversos mundos que a nossa realidade capacitista não oferece a pessoas com condições parecidas ou iguais às de Divino. Seu potencial criativo, seu amor pela natureza e pelas coisas reais como o carinho e a compaixão são infinitos.

Ao ser questionado sobre influências ou sobre algum autor que é referência, Divino é direto: diz não ler outros poetas. Segundo o autor de Vila Boa, ele não quer se deixar levar pela ideia de outros escritores, pois acredita que uma leitura pode contaminar o seu processo criativo, ao ponto de correr o risco de um plágio não proposital. Da mesma forma ele respondeu sobre Cidade de Goiás e sobre como esta cidade afeta a sua poesia.



Dayse Kênia - Cidade de Goiás



Divino Damasceno - Goiás

Teresina de Goiás

CARLINHOS ALEGRIA

Folia significa um festejo animado, uma farra, mas também denomina o “alegre”. Esta última parece fazer mais sentido quando conhecemos o Carlos, ou melhor, o Carlinhos Alegria. Morador da zona rural da cidade de Teresina, ele é conhecido em toda a região como um grande organizador das Folias de Reis. Devo me corrigir outra vez, pois folia não se “faz” e nem se “organiza”, como diz o Carlinhos, mas se “roda”. E é “rodando folia” que o Carlinhos Alegria se sente feliz e leva a felicidade para onde passa.

Carlinhos Alegria, assim no diminutivo, é um senhor pequeno em estatura - sentado na cadeira de fio ele fica com os pés balançando no ar - mas é, sem dúvidas, um gigante nesta arte de confluir festejo e espiritualidade. Sua simplicidade é algo que conforta e foi natural nos sentir bem recebidos em sua casa. Chegamos no meio da tarde e ficamos por ali até o início da noite.

A entrevista logo virou uma boa conversa, repleta de causas, contos e até mesmo milagres atribuídos às

promessas que estão sempre conectadas com as Folias de Reis e seus devotos. Ouvir o Carlinhos Alegria falar sobre esta festividade é como ter uma aula com o maior especialista de uma área científica, ele fala como quem realmente entende, de dentro, não só fazendo a folia rodar, mas também celebrando o milagre da vida, a benção de poder viver e, principalmente, festejar. Esta é a poesia que o Carlinhos escreve: o canto, a comunidade, a simplicidade e principalmente a alegria que o define.

“Eu comecei a girar folia na idade de 12 anos e agora estou com 65 e nunca parei. Nunca deixei esta tradição cair”, diz Carlinhos. O termo “girar” trata da caminhada tradicional dos grupos de Folia de Reis ou devotos que, de casa em casa, visitam famílias com cantorias, instrumentos e a bandeira sagrada, simbolizando a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus, ocorrendo entre 24 de dezembro e 6 de janeiro.

Carlinhos Alegria também é categórico ao sintetizar o que é a folia. “A folia é o seguinte: a folia traz amor, traz amigo, traz esperança, traz gente para a igreja”, afirma. A folia é algo que se aprende. O próprio Carlinhos Alegria também “recebeu” este ensinamento e agora se preocupa em como passar para frente para a nova geração. “Essa tradição da folia eu aprendi com um parente meu, um primo, ele era guia de folia. Eu fui girando a folia com ele, na garupa do cavalo. Ele era o guia e eu ficava na ponta. Ele perguntou se eu queria cantar, aí eu fiz dez colunas só e até hoje estou girando folia”, conta Carlinhos.

Questionado sobre a ideia de ter pessoas mais jovens como parte das “giras” ele explica que a folia tem um grande poder de cura. “A folia, o santo, a fé, vale muita coisa. Eu falo para eles (os mais novos) que tem doença que o médico não cura, você faz uma promessa com determinado santo, você é curado. Se eu não morrer logo, talvez dá tempo de deixar ao menos um guia aqui para a tradição continuar”.



Oficina de Fanzines em Teresina de Goiás



Foto tirada na casa do Carlinhos Alegria

Cavalcante

MARTHA KALUNGA - CASA MEMÓRIA DA MULHER KALUNGA

É imprescindível: memória, palavra e tradição são satélites naturais dessa malha social simbólica que é a cultura. Quando nos propomos a falar de contação de história e discutir sobre como a palavra é uma de suas guardiãs no início da pesquisa, já supomos que o exercício de contar histórias e destrinchar narrativas populares sempre esteve no seio de quem carrega as vidas e as mortes em si.

As mulheres sempre foram intérpretes dos sonhos, dos olhos cansados dos filhos, das músicas antigas de ninar, de lavar roupa, de festa... que transportaram ao longo do tempo uma parte do passado da História do Brasil. Investidas violentas, sanguinárias, escravizaram o povo que plantou e leu o país com os olhos e braços do próprio trabalho. Levaram os filhos, os maridos, irmãos e irmãs dessas que ousaram continuar cantando a palavra, muitas vezes enquanto um gesto de devoção aos que findaram e um anúncio de que a vida também estava

presente, através delas, de suas vozes.

Quando escutamos Martha Kalunga falar sobre a existência da devoção que há nas iniciativas de cultura popular quilombola local e debater sobre um povo que sempre foi tomado, vimos diante de nós a figura que compõe esse grupo de mulheres que preservam a memória em si mesmas, nos seus corpos, no que dizem, em suas casas, lutas diárias e festas.

A Casa Memória da Mulher Kalunga em Cavalcante/GO é chefiada por Martha Kalunga que mantém um ponto de cultura na cidade com iniciativas relacionadas à arte e fortalecimento da comunidade. Todo o ponto de cultura é pensado e organizado a partir de espaços destinados à realização de rodas de conversa, cineclubes, bibliotecas e encontros entre as pessoas locais. Mesmo com a atual dificuldade de se conectar aos mais jovens, Martha consegue construir ambientes e eventos capazes de atrair pessoas de todas as idades para as festividades e reuniões da Casa.

O Ponto de Cultura conta com uma biblioteca no local, “... feita por pessoas negras para contar verdadeiramente a história dos negros” como aponta a gestora do espaço. Martha ressalta que a iniciativa surge da necessidade de estimular o debate sobre um povo que sempre foi tomado, que pode ler e contar a própria história.

Partimos aqui do princípio de que a poética é um gesto artístico, seja o movimento dos quadris que dançam, dos dedos que formam e modelam o barro ou das mãos que gravam figuras em telas e papéis; a poética que a capacidade de fazer arte com o corpo. O livro sobre tingimento no Vão do Moleque (tingimento quilombola). O livro “Fio da Meada” feito e produzido por mulheres da comunidade, registra plantas tintoriais nativas, articulando ciência, arte e tradição, e constitui um marco inaugural da Casa Memória da Mulher Kalunga. Viabilizado com apoio da Lei Aldir Blanc em Goiás, o

livro guarda de maneira documental a maneira como o povo Kalunga mantém a prática há mais de trezentos anos em seu território.

Os Kalunga formam uma comunidade de quilombolas no Nordeste de Goiás, resistente desde o século XVII no local, hoje são detentores do maior território quilombola em área total do Brasil. Apenas em 1991 o território foi legalmente reconhecido como um Sítio Histórico e Patrimônio Cultural, seguindo as diretrizes da Constituição de 1988. Os trezentos anos de história só foram resguardadas porque os agentes do território mantiveram vivas os seus saberes tradicionais pela oralidade, festividade, arte e também escrita.

Há poética no corpo que resiste, porque é um corpo que se movimenta, se faz ser percebido, articula gestos artísticos e de resistência com o próprio corpo e com a palavra que dele sai. Arte, cultura e resistência são as meadas que compõe a imensidão da história que é contada pelos Kalunga e tantos outros quilombos pelo Brasil, por isso a importância de identificar a/as poética/s que emergem da paisagem e se manifestam nos sujeitos.

Moinho

DONA JOANA

O Quilombo Moinho, localizado em Alto Paraíso de Goiás, na Chapada dos Veadeiros, é um território onde memória, palavra, poética e ancestralidade se entrelaçam como fundamentos da vida comunitária. Formado entre os séculos XVIII e XIX por pessoas negras que fugiram da escravidão e reconstruíram suas existências em liberdade, o Moinho carrega, desde o próprio nome, associado ao antigo moinho d'água, marcas simbólicas de um passado que segue pulsando no presente.

As práticas tradicionais, como a agricultura de subsistência, o artesanato com matérias-primas do Cerrado e as festas religiosas, não são apenas modos de produção ou celebração, mas expressões de uma poética do território, onde o fazer manual, o canto, o toque dos tambores e as rezas atualizam saberes herdados. A oralidade ocupa lugar central: na palavra narrada, nas histórias contadas e nas memórias compartilhadas,

a comunidade reescreve sua história e reafirma sua identidade.

Assim, o Quilombo Moinho se constitui como espaço de resistência e criação, em que a ancestralidade não é apenas lembrança, mas presença viva que orienta o cotidiano e sustenta a luta por reconhecimento e permanência. Fortalecendo a arte como instrumento de resistência, afirmação identitária e geração de renda. Isso fica evidente quando vemos Joana empunhar o violão para contar sobre suas composições na beira do rio, no cuidado com os filhos.

Joana é uma mulher nascida na região, em Simão Correia, cachoeira localizada aproximadamente 30 km do Povoado Moinho, “de lá, bem pra lá mesmo” como ela mesma aponta. Era nessa região que ela e o irmão saíam andando com o violão há mais de vinte anos atrás fazendo serenatas nas casas dos parentes. Joana sempre teve interesse pelo canto e composição e foi contando sobre esse passado que canta, como ela mesma diz “uma música que eu aprendi no meu sofrimentos da vida quando eu tinha minhas crianças pequenas, (...) a gente vivia uma vida assim, um dia bem em outros dias....”.

A letra surgiu para Joana em uma das idas até Alto Paraíso de Goiás para comprar os materiais escolares dos filhos. Ela margeava o rio vizinho pela trilha que o próprio povoado fez para chegar até a cidade com a caixa de materiais carregada na cabeça. A caixa, sustentada pela “rudia”, um pano enrolado que servia de apoio para o objeto durante a caminhada era apenas uma das coisas que habitavam a cabeça de Joana: ela cortava os mundos com os seus pés compondo e improvisando letras durante o trajeto. considera a composição um presente que lhe foi dado por deus.

A chegada das igrejas neopentecostais e a mudança nos costumes locais como festas, noites de música

caipira, traduzida para o que chamam de “música do mundo”. Joana hoje entende suas composições como louvores, além de cantar na igreja local até hoje.

*“Eu andando um dia por uma estrada de sol
Sem ter alegria em minha vida comecei chorando
Assim fosse agora, aqui nesta hora, noite me buscar
Seria melhor do que viver só triste a caminhar
Volte para mim ó moço querido de Jerusalém
Eu tenho saudade da sua cidade, quero ir também
Pequenos caminhos que os passarinhos cantarão
assim:*

*Ouvi as cascata e beirada, olhei para o céu
Ouvi uma voz que dizia assim, além do Além
Eu sou Jesus que carregou a cruz em Jerusalém*

*Volte para mim ó moço querido de Jerusalém
Eu tenho saudade da sua cidade, quero ir também
Volte para mim ó moço querido de Jerusalém
Eu tenho saudade da sua cidade, quero ir também”*

Moacyr, Dona Manu e Seu Josué

Moacyr é um sujeito de muitas palavras, um homem alto, magro, de chapéu e sorridente que conta histórias e vive sua terra a interpretando como um espaço de brincar . No quintal de sua casa fabrica petecas com material reciclado usando borrachas de chinelo, penas de galinha e palhas de bananeira aos arredores de sua casa. As contações de história de Moacyr são as da própria vida, do avô e do pai, que foram à Brasília em decorrência do agravamento do estado de saúde de ambos, e terminaram enterrados como indigentes porque a família não conseguiu tempo hábil para chegar ao hospital e fazer o reconhecimento do corpo. Mas são também histórias de um tempo em que as estradas para o Moinho eram poucas e quase exclusivas dos moradores e moradoras do Quilombo.

A avó de Moacyr era dona de um pedaço de terra na reunião, foi afligida pelo “pessoal mais chefão que foi encostando” sua avó, tomando seus animais, suas plantações e faleceu com poucos bens para dividir com seus descendentes. Hoje a comunidade sabe de seus direitos legais relativos ao Direito à Terra e como o próprio Moacyr diz “se isso hoje um dia acontecer, vira guerra”. A história que Moacyr nos conta é uma história de um povo unido, capaz de lutar pelos próprios direitos mesmo com as constantes tentativas de grilagem que acontecem no território.

Brincar no próprio território, inclui o brincar do adulto também, não só das crianças. Brincar numa terra conquistada, ocupada, retomada é uma forma de resistir e contar a história com o próprio corpo, com as mãos sendo usadas para o exercício em comunidade de se divertir com pessoas de todas as idades. É esse jeito de “não deixar a peteca cair” que se tornou um movimento comunitário que incluiu a oficina de elaboração de peteca, na escola do Povoado.

Não era comum a comunidade brincar através das festas e comemorações locais, os forrós pé de serra, as noites de cantoria diminuíram gradativamente depois que igrejas evangélicas chegaram no povoado, mas jogar peteca continua sendo uma das formas de unir as pessoas ao redor de uma atividade coletiva que foi capaz de reinventar a união do Quilombo moinho, unindo os mais velhos e mais novos para conservar a tradição máxima do encontro e troca de saberes.

Nascido na Fazenda Boqueirão e Gameleira, Moacyr conhece o local como a palma da própria mão, como ele mesmo gesticula ao citá-las. Atualmente, tanto o Complexo do Boqueirão quanto a Fazenda Gameleira são atrativos turísticos da região nas quais os descendentes da avó de Moacyr não possuem acesso. O Povoado do Moinho é um Quilombo de resistência de pessoas pretas como tantos outros no Brasil, ali os sujeitos que o constroem inventam e reinventam maneiras de continuar brincando, seja de peteca, de roda de música, de sarau, fazendo bonecas ou se organizando para manter viva a memória pela palavra falada ou pela poética do ser.

O mesmo nos lembra Seu Josué e Dona Mano, moradores/as de Teresina de Goiás e artesãos/ãs locais há mais de 40 anos na cidade. Dona Manoela, gosta de ser chamada de Dona Manu, mas costuma escrever o apelido carinhoso respeitando a escrita do próprio nome, mantendo o “O” ao invés do “U”. Ela e Josué são casados há mais de 50 anos e criaram os filhos ali mesmo

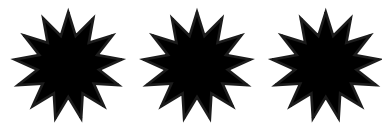
na cidade. O entalhamento da madeira feita pelas mãos de Seu Josué dão forma aos animais locais que o encantam e que os representam nas artes plásticas, enquanto o tear de Dona Mano, forma meadas feitas do algodão plantado ali mesmo, nas proximidades de Teresina de Goiás.

Argila, madeira, algodão, metais, canos... tudo se transforma pelo gesto e uso da técnica através das mãos para dar forma à arte, ao simbólico, ao registro do que se simboliza no mundo, à poética. Seu Josué canta músicas sobre o Cerrado, o esculpe com a madeira de suas próprias árvores, agrega às peças com tintas, muitas vezes, extraídas das plantas nativas. Assim como Dona Mano tingem seus tecidos e novelos com tinturaria natural.

São personalidades que incorporam os objetos e elementos do espaço em seu fazer artístico e brincante, caminhando pelo tempo, pelas histórias contadas dos tempos antigos com habilidade de contar as memórias fora da palavra, mas também a partir dela.



Ateliê Manu Josué



Realização

SECULT
Secretaria de Estado
da Cultura



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este projeto foi contemplado pelo EDITAL DE LITERATURA Nº 09/2024